

EU CAMINHONEIRO

3ª Edição | Ano 1 | OUT 2021

SEM CAMINHONEIRO, O BRASIL PARA!

 www.euamocaminhoneiro.com.br

2º ENCONTRO NACIONAL DOS CAMINHONEIROS AUTÔNOMOS E CELETISTAS



DESTAQUE: 2º ENCONTRO NACIONAL REÚNE LIDERANÇAS DE TODO PAÍS

Marketing Digital

VENHA SER GRANDE

Coloque o futuro do seu negócio nas mãos de quem entende. Invista em resultados.



Vantagens



AUMENTE SEU FATURAMENTO



POSICIONE MELHOR SUA MARCA



FIDELIZE SEUS CLIENTES

NOSSOS SERVIÇOS

- Gerenciamento de Mídias Sociais
- Marketing de Conteúdo
- Google Meu Negócio
- Gestão de Tráfego
- Criação de Site

ENTRE EM CONTATO

@STUDIO.NATE

(21) 97228-3534

studionatemarketing@gmail.com

EDITORIAL

Sentimento de insatisfação é unânime entre os Caminhoneiros

O constante aumento dos combustíveis, aliado à falta de diálogo com o então governo federal de Michel Temer, levou, em 2018, os caminhoneiros a uma greve que parou o país por 10 dias. O preço do diesel, que responde por 23% do custo do transporte, custava, na ocasião, em torno de R\$ 4,30 por litro. Três anos se passaram, e a situação da categoria só piorou. O setor de transporte rodoviário de cargas não tem mais fôlego para absorver tantos reajustes dos combustíveis, a indefinição do preço mínimo do frete, e da aposentadoria especial com 25 anos de contribuição, dentre outras pautas urgentes.

Essa insatisfação resultou na decretação de estado de greve durante o 2º Encontro Nacional de Caminhoneiros Autônomos e Celetistas, que aconteceu no Rio de Janeiro. Representantes de sindicatos, cooperativas e federações dos caminhoneiros de todo o país determinaram um prazo de 15 dias para que o governo Federal apresentasse uma proposta concreta, caso contrário, iniciam uma greve a partir do dia 1º de novembro, tema da reportagem especial da página 07, que conta com os depoimentos das principais lideranças.

Trazemos também três entrevistas exclusivas: do secretário Nacional de Transportes Terrestres do Ministério da Infraestrutura, Marcello Costa, que afirma não acreditar que ocorra greve dos caminhoneiros (pág. 19), e dos deputados federais Paulo Ramos (pág. 21) e Nereu Crispim (pág. 22), presidente da Frente Parlamentar Mista dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas da Câmara dos Deputados e o autor do PL nº 750/21, que visa solucionar e estabilizar os preços dos combustíveis, a partir da criação de um Fundo de Estabilização dos Preços de Derivados do Petróleo - FEPD.

Temos ainda a cobertura da comemoração dos 10 anos da marca Eu Amo Caminhão (pág. 15) e a semifinal do concurso Garota Eu Amo Caminhoneiro (pág. 16), onde apresentamos aos nossos leitores as três participantes para escolherem quem será a vencedora da competição.

Para finalizar com chave de ouro, uma reportagem com a dupla sertaneja Tonny & Kleber, autora da música "Da Janela do Meu Caminhão", um acalento para a categoria dos caminhoneiros, tão importante e merecedora de toda a nossa admiração.

Boa leitura!

SUMÁRIO

04 Dupla sertaneja Tonny & Kleber fazem canção em homenagem aos caminhoneiros

07 Caminhoneiros declaram estado de greve

13 Empresário do setor de TRCL aceita mais um desafio

15 Caminhoneiros participam da comemoração de 10 anos da trajetória da marca Eu Amo Caminhão

16 Garota Eu Amo Caminhoneiro entra em sua fase semifinal

18 Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro comemora 7 décadas de existência

19 Entrevista exclusiva com Marcello Costa, Secretário Nacional de Transportes Terrestres do Ministério da Infraestrutura

21 Deputado Paulo Ramos afirma que governo Federal decepcionou caminhoneiros

22 Entrevista com o Deputado Federal Nereu Crispim (PSL-RS)

PARCEIROS



AFTRANS CAR

REALIZAÇÃO



@euamocaminhoneiro

/euamocaminhoneiro

euamocaminhoneiro.com.br

DUPLA SERTANEJA TONNY & KLEBER FAZEM CANÇÃO EM HOMENAGEM AOS CAMINHONEIROS

Com 20 anos de estrada, a dupla Tonny & Kleber escreveu uma linda história de sucesso no meio artístico. Compositores brilhantes, são amigos de infância da cidade de São José do Rio Preto, onde nasceram e continuam morando, e se destacando das duplas sertanejas de todo país por suas músicas que sempre levam mensagens de amor, fraternidade, respeito e tolerância. Certamente, esta tenha sido a razão, por exemplo, da música “Da Janela do Meu Caminhão” ter se tornado o hino dos caminhoneiros.

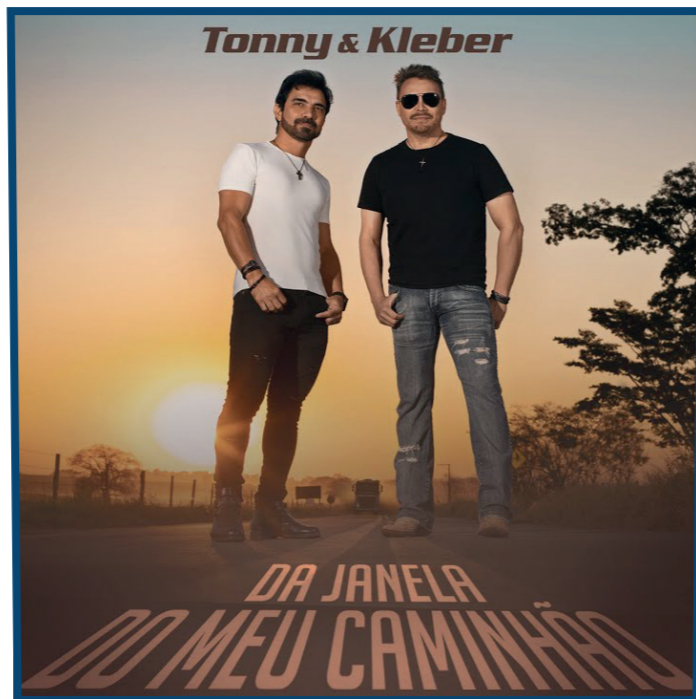
Apadrinhados por Chitãozinho e Xororó, Tonny lembra que a composição foi feita em 2018, numa parceria da dupla com Xororó, durante a greve dos caminhoneiros, que parou o país, revelando a força e importância da categoria para toda a sociedade. E foi esse o questionamento que fez, na ocasião, ao colega Kleber: “Olha o que aconteceu com o país? Parou de bombar, o coração do país parou! O caminhoneiro é o sangue na veia”.

O fim da paralisação trouxe o reconhecimento do trabalho desses profissionais, que receberam diversas homenagens:

“É fundamental valorizar, lançar luz a esta questão, respeitar, dar condições para o trabalhador nas estradas para que ele tenha segurança. Eu passei parte da letra para o Chorão, meu amigo e líder do movimento grevista. No entanto, na mesma hora ele disse que está faltando alguma coisa, afirmando que todo caminhoneiro vai à luta, mas sonha em voltar, ele já sai pensando em voltar. Vai à luta para dar o melhor à família. Foi aí que eu pensei: não é só o caminhoneiro, todos os trabalhadores quando saem de casa, já pensando na volta, quero voltar e encontrar a minha família bem”, recorda.

Foi, então, que começou a escrever a história de luta de todos os trabalhadores, personificada na figura do caminhoneiro, onde o motor do caminhão é o coração batendo, o combustível são seus sonhos e objetivos, as janelas são seus olhos testemunhando, cada momento vivido nessa longa estrada chamada vida. Assim, faz analogias e reflexões profundas sobre a perspectiva da vida através do dia a dia do caminhoneiro.

“Vou colocar como personagem principal o caminhoneiro. Mas, vamos tentar ampliar, imaginar que o caminhão somos nós, trabalhadores, o motor, o nosso coração pulsando, e a estrada o dia a dia. A música tem trechos que fala ser a janela do caminhão, os nossos olhos, a nossa alma. Sou eu olhando a vida. Num outro trecho, escreve: ‘Passo por dias bons; Passo dias ruins; Companheiros de estrada; Solidão sem fim’, que acompanha o caminhoneiro o tempo todo, e que não posso abandonar a luta.



Tonny & Kleber / Foto: Divulgação

A música é em cima disso. No final, a letra diz: ‘Essa vida é passageira; Tudo um dia vira pó; Põe mais lenha na fogueira; Pra tudo ficar melhor’, porque a vida não pode ser morna, ou você é ou não é. Aí mostrei para o Chorão, que levou para outros amigos, que se emocionaram e até choraram”, conta Tonny.

Até o sucesso, a dupla percorreu um caminho de muita luta

Tonny e Kleber formam hoje uma das mais completas e diferenciadas duplas da nova geração da música sertaneja, mas para chegarem ao sucesso, percorreram um caminho de muita luta. Amigos de infância, sempre cantaram juntos em bares, bailes e pubs até gravarem seu primeiro CD independente em 1998, com 10 faixas, todas de autoria da dupla. Até 2000, lançaram “Mais um encontro” e “Assim vive um cowboy”, CDs de alta produção, que abriu os seus caminhos e admiração de muitos fãs.

Mas a grande virada foi o encontro com Chitãozinho e Xororó, que apadrinharam a dupla e gravaram várias de suas canções e os convidou para participar de uma faixa no CD deles: “Minha vida minha música”, consolidando a carreira de Tonny e Kleber no universo sertanejo. Hoje sua discografia conta com sete CDs e uma indicação ao prêmio Grammy Latino.

“A gente vem batalhando, gravando os nossos discos. O último teve a participação Chitãozinho & Xororó, Bruno & Marrone, Renato Teixeira, e temos algumas canções que outros artistas gravaram”, conta, revelando que, antes

mesmo da pandemia de Covid-19, montaram um grupo de WhatsApp, onde eles têm uma parceria de composição com o Xororó e compuseram a música “A nossa voz”, que conta com a participação de 25 artistas consagrados.

“Era um sonho que a gente tinha de juntar, unificar o país, porque nós percebemos que precisávamos nos manifestar como artistas na tentativa de unificar o nosso povo, que está muito dividido, com muito ódio e o ódio nunca foi amigo do bem. Então, buscamos essa unificação através da música. O Xororó abraçou esse projeto e convidou 25 amigos da esquerda, do centro e da extrema direita, convidou todo mundo, Luan Santana, Ivete Sangalo, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Jota Quest, Paula Fernandes, Maria Gadú, Seu Jorge, Paulo Victor, Sandy e Júnior”.

A música, diz Tonny, fala do sonho de todos, do desejo de um país onde o que predomina é o amor ao próximo, uma mensagem para os filhos, os netos: “Que lição nós vamos deixar? A música fala disso. O problema é que a política atrapalha tudo, a política de impor o seu ponto de vista. Mas a verdade não é absoluta e nem única, o que muda é o ponto de vista de cada um sobre esta verdade, é a forma que cada um olha para a verdade, e ninguém tem controle sobre isso. A música fala disso, é preciso sempre se colocar no lugar do outro, mas é uma decisão individual, um exercício diário”, filosofa.

É um acalento para o momento difícil que os caminhoneiros atravessam. Eu e Cléber somos amigos de infância com 20 anos de carreira, dupla, os cantores de bailes e gravamos o nosso primeiro CD, em 98 e 2001 conhecemos Chitãozinho e Xororó nos apadrinharam e a gente vem batalhando gravando os nossos discos, último DVD nosso teve a participação Chitãozinho e Xororó, Bruno e Marrone, Renato Teixeira, e a gente vem compondo algumas canções que outros artistas gravaram.

Nós temos uma parceria de composição com o Xororó e Chitãozinho também, mas hoje a gente compõe mais com Xororó pelo WhatsApp. Antes mesmo da pandemia nós já tínhamos este grupo de WhatsApp e nós compusemos uma música que se chama assim “A nossa voz”, em 25 artistas era um sonho que a gente tinha de juntar unificar o país, porque nós percebemos que precisávamos nos manifestar como artistas tentativa de unificação do nosso povo porque está muito dividido, com muito ódio e o ódio nunca foi amigo do bem. Então, buscar essa unificação através da música. O Xororó abraçou esse projeto e convidou 25 amigos desde o pessoal da esquerda, do centro e da extrema direita, convidou todo mundo, Luan Santana, Ivete Sangalo, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Jota Quest, Paula Fernandes, Maria Gadú, Seu Jorge, Paulo Victor, Sandy e Júnior.

Eu e Kleber, a gente canta logo depois do Daniel. Inclusive nós somos os únicos que não temos evidência nacional no meio daquela constelação de artistas, de músicos. A música fala do sonho de todos, que tenha segurança, do sonho de ter um país que tenha amor, que tenha união, e nós estamos deixando isso para os nossos filhos, para os nossos netos. Que lição nós vamos deixar? A música fala disso, o problema é que a política atrapalha tudo, política de impor o seu ponto de vista, a verdade absoluta, a verdade é única, o que muda é o ponto de vista de cada um sobre esta verdade, é a forma que cada um olha para a verdade, é verdade de cada um e ninguém tem controle sobre isso e a música fala disso, é preciso sempre se colocar no lugar do outro, mas é uma decisão individual, de se colocar no lugar do outro, é um exercício diário.

E a música “janela do caminhão”, quando estávamos fazendo a nossa voz, em 2018, e vi a parada dos caminhoneiros. A gente fez essa música em 2018, eu, Kleber e Xororó, nós compomos essa música e não havia acontecido ainda a eleição e falei para o Kleber: “olha o que aconteceu com o país?” parou de bombar, o coração do país parou, o caminhoneiro é o sangue na veia, depois voltou tudo ao normal, e haviam várias homenagens aos caminhoneiros destacando sua importância para o país.

É fundamental valorizar, lançar luz a esta questão, respeitar, dar condições para o trabalhador nas estradas para ele ter segurança nas rodovias. Eu passei metade da letra para o Chorão e ele disse está faltando alguma coisa, fundamental do caminhoneiro que é ele disse e ele disse: todo caminhoneiro vai a luta, mas ele sonha em voltar, ele já vai pensando em voltar, ele vai a luta para dar o melhor a família aí eu pensei, não é só o caminhoneiro, não todos os trabalhadores que sai de casa já pensando na volta, quero voltar e encontrar a minha família bem.

Então, vou tentar criar, claro que vou colocar como personagem

principal o caminhoneiro. Nós vamos tentar ampliar, vamos imaginar que o caminhão somos nós, trabalhadores, motor do caminhão é o nosso coração pulsando, a janela do caminhão são os nossos olhos, a janela da alma, a estrada é o dia a dia, a música tem trechos que fala os olhos são a janela da alma, sou eu olhando a vida, e diz, passo por dias bons, passo por dias ruins, tem os meus companheiros e a solidão que acompanha o tempo todo, eu não posso abandonar a luta, a música é em cima disso. No final a letra diz “ponha fogo na fogueira porque a vida é passageira, ela não pode ser morna, ou você é ou não é”.

Aí eu mostrei para o Chorão e ele mostrou para outros amigos que seu mo emocionaram e até choraram. E a live da Abrava não houve porque o Sérgio Reis deu aquela declaração e o Chorão achou melhor aguardar para lançar a música depois a música seria lançada nesta live que é um hino para o caminhoneiro.

Tem uma parte que fala assim a vida é cheia de curvas, isso que ela é legal, se a vida fosse uma reta só não teria graça, seria sem graça se não tivéssemos problemas para resolver, desafios, nos para ser desatados, não as Curvas da Vida e aí vai se fazendo essa analogia, da estrada do caminhão, da vida dos brasileiros. Eu sou um brasileiro apaixonado, eu fico muito triste em ver essa divisão desnecessária. Essa ideia de que depois de mim pode vir um dilúvio é um absurdo, o primeiro é o próximo, isso é o mandamento de Deus. A música é o nosso instrumento para levar essas mensagens, e é o mercado mais difícil para a gente, o que o comércio quer o comércio quer muita porcaria, acaba ficando mais difícil para a gente, mas a gente tenta.



Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Transportes
e Logística

A LUTA FAZ A LEI E MUDA A VIDA

 (61) 3322-3931

 presidencia@cnttl.org.br

 SCS Q.01 Bloco i, 6º andar,
Edifício Central - Brasília - DF

CAMINHONEIROS DECLARAM ESTADO DE GREVE

Quando falamos em transporte rodoviário de cargas, os números são sempre volumosos. De acordo com a pesquisa Custos Logísticos no Brasil, da Fundação Dom Cabral, o modal é utilizado para o escoamento de 75% de toda produção no país, que possui a quarta maior rede de estradas do mundo. E para cumprir com todos os fretes, segundo a Associação Brasileira dos Caminhoneiros, conta com mais de 147 mil empresas transportadoras de cargas, 332 cooperativas e 492 mil motoristas autônomos regularizados.

Mas, infelizmente, para realizar essa missão, os desafios enfrentados pelos caminhoneiros são proporcionalmente iguais. Levantamento da NTC & Logística aponta que a defasagem do valor do frete fechou o primeiro semestre de 2021 em 18,7%, alta de quase 5 pontos percentuais em relação ao final do ano passado, pressionado especialmente pela inflação ligada ao aumento dos preços de combustíveis, parte decisiva da estrutura de custos.

Desde o início do ano, a Petrobras já promoveu 12 reajustes no preço do diesel, com nove aumentos e três reduções, acumulando uma alta na refinaria que chega a 49% em 2021. Vale a ressalva que o diesel responde por 23% do custo do transporte, tendo sido um dos principais motivos para a paralisação da categoria em 2018.

Por 10 dias, o movimento paralisou o país, transformando o dia a dia dos 26 Estados e do Distrito Federal em um grande pesadelo logístico. Caminhões parados bloquearam parcialmente as rodovias. Combustíveis deixaram de ser entregues, supermercados com prateleiras esvaziadas demonstravam a insatisfação da categoria com a nova política de preços dos combustíveis da Petrobras.

Três anos depois, nada mudou. O preço do diesel já é superior ao praticado em 2018, devido à política da Petrobras criada para acompanhar as variações externas e a competição com importadores, visando demonstrar ao mercado que possui autonomia e não atua para atender aos interesses do governo, mas dos seus acionistas.

Sem perspectiva de uma resposta por parte do Governo Federal, durante o 2º Encontro Nacional dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas, realizado no último dia 16 de outubro, no Rio de Janeiro, declararam estado de greve. Caso suas reivindicações não sejam atendidas em 15 dias, uma nova paralisação será iniciada no dia 1º de novembro.

A importância da unificação da categoria

O Sindicato dos Transportadores Rodoviários Autônomos de Bens de Três Cachoeiras (RS) teve importante participação na greve dos caminhoneiros em 2018. Três anos depois, está à frente da mobilização de uma nova paralisação. De acordo com o presidente da entidade, Jair Volnei Martins Marques, o ato se trata de pautas bem definidas, que trazem em seus argumentos, a necessidade de haver logo a regulamentação, a aplicação e o cumprimento das leis existentes, para o setor rodoviário de transporte.

Jair Martins também participa da Frente Parlamentar Mista do Caminhoneiro Autônomo e Celetista e do Fórum Permanente para o Transporte Rodoviário de Cargas - Fórum TRC, em Brasília. Ele considera de extrema importância a unificação da categoria, pois "o segmento é o mesmo, seja no Sul ou Norte, Nordeste. Geralmente as particularidades de cada embarque é que exige cuidado ou alguma norma para o embarque ou descarga, e inclusive estes assuntos deverão ser debatidos nos próximos eventos".

Segundo ele, até o último dia 18 de outubro, o Governo Federal não havia apresentado nenhuma contraproposta, "somente especulações, nada concreto", com relação a pauta de reivindicação: a volta da aposentadoria especial para o caminhoneiro aos 25 anos de contribuição para o



Marcelo Santos / Foto: Divulgação

INSS; garantias que os PPDs e PPDPs sejam gratuitos nas rodovias pedagiadas; julgamento imediato da ADI pelo STF sobre a constitucionalidade da Lei nº 13.703/18, que trata do piso mínimo de frete; ampla discussão sobre o projeto PL 41.99/20 (BR do Mar), e que DTe seja implantado na condição de garantir os direitos em lei e regulamentação aos Transportadores Autônomos e equiparados, subcontratados entre outras questões.

Já sobre a aprovação do projeto que prevê valor fixo do ICMS sobre combustíveis, Jair Martins afirma que "não nos parece resolver, trata muito superficial do problema dos reajustes dos combustíveis, principalmente o diesel que, para o caminhoneiro, é o custo do serviço prestado". Com relação ao pedido de instalação de uma CPI para investigar a alta nos preços dos combustíveis, reafirma:

"Talvez não seja necessário, basta transparência nas informações sobre o porquê continuamos a praticar uma forma de precificar os combustíveis, diferente do que se tem de informações de outros países que extraem e refinam petróleo".

Juntos somos mais fortes, divididos somos fracos

A paralisação prevista para o dia 1º de novembro não significa, de acordo com o caminhoneiro autônomo Marcelo Aparecido Santos da Paz, diretor do Sindicato dos Transportadores Rodoviários Autônomos de Bens da Baixada Santista e Vale do Ribeira - SINDICAM, um racha com o governo Bolsonaro, que teve apoio de 90% dos autônomos, mas "uma cobrança por não ter cumprido com nada que prometeu", citando, como exemplo o piso mínimo do frete.

"Estamos em estado de greve, mas não seria um racha, é sim uma cobrança, até porque qualquer governo que esteja na linha de frente tem que ser cobrado, independente de esquerda, direita ou centro. O governo não entrou em contato com nenhuma liderança, só anunciou o reajuste do piso mínimo de frete que é uma das nossas pautas. Porém não adianta nada. Primeiro tem que pedir ao STF o julgamento do nosso piso mínimo de frete. Caso contrário, não iniciaremos uma conversa com eles", garante.

Segundo Marcelinho de Santos, como é mais conhecido, o governo tem dúvidas sobre a paralisação da categoria, mas, alerta, "é um preço que eles podem pagar muito caro", frisando que "os caminhoneiros estão organizados, alinhados para ir à luta em busca das demandas da categoria". E vai além: "a importância da unificação da categoria é mostrar organização, que estamos alinhados na busca dos mesmos pleitos, é acabar com qualquer tipo de vaidade e ego no meio das lideranças, mostrar que juntos somos mais fortes, divididos somos fracos".

Para Marcelinho, a proposta de unificar o ICMS dos Estados é válida, mas não atende totalmente às demandas da categoria, sem que ocorra uma mudança na política de preço da Petrobras, porque os aumentos continuariam. O diretor do SINDICAM vê com bons olhos a proposta do deputado federal Nereu Crispim (PSL-RS) de instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI para investigar a alta nos preços dos combustíveis e do gás de cozinha no país.

“É muito importante essa CPI para ter transparência e quem estiver no erro, ser divulgado e cobrado. Hoje estamos pagando preços absurdos por causa de uma política de preço que foi implantada somente para dar lucros, tirar prejuízos que eles dizem, que não temos nada a ver com isso e estamos pagando essa conta. Então, ajudaria a apontar os verdadeiros culpados dessa desordem que está no Brasil hoje com esses preços abusivos”, desabafa.

A luta do caminhoneiro é por condições de trabalho

Os caminhoneiros, que se encontram em estado de greve desde o dia 16 de outubro, vão parar suas atividades a partir de 1º de novembro, caso o governo Federal não acene com alguma proposta, garantiu Plínio Dias, presidente do Conselho Nacional do Transporte Rodoviário de Cargas - CNTRC. Segundo ele, a categoria não viu com bons olhos o anúncio do auxílio emergencial de R\$400 para os cerca de 750 mil caminhoneiros autônomos como uma ajuda para compensar o aumento do diesel.

“Isso é muito ruim para uma categoria tão especial e importante para o nosso país. Nós queremos condições de trabalho, não auxílio, deixa isso para as pessoas que estão precisando mais”, desabafa, e em vídeo divulgado nas redes sociais, fala da indignação da categoria dos caminhoneiros autônomos após o pronunciamento do presidente.

“Pessoal, não é isso que o caminhoneiro está buscando. O

caminhoneiro está buscando a sua sobrevivência, o caminhoneiro quer manter sua família, ele quer ter condições de trabalho. Nós não somos antigoverno, ninguém está levantando pautas ‘Lula Livre’, ‘Fora Bolsonaro’, isso não existe na luta caminhoneira. O que existe são pais de família tentando trabalhar, pedindo dignidade”.

Para o presidente do CNTRC, independente da ideologia política, a categoria nunca teve um governo com capacidade de entender o caminhoneiro autônomo, acrescentando que as pequenas empresas estão numa situação pior ainda, pois precisam pagar os caminhoneiros e não sobra nada: “nossa luta é justa, estamos aí firmes e fortes. No dia 1º de novembro, temos que encostar nossos caminhões, ser ouvido nesse país”.

Ao comentar sobre o 2º Encontro Nacional de Caminhoneiros Autônomos e Celetistas no Rio de Janeiro, Plínio Dias avalia ter sido um evento produtivo, que contou com a participação de pessoas de vários locais do país, demonstrando união e força para atingir o objetivo da pauta de reivindicações, citando, entre elas, a suspensão cautelar imediata da resolução que prevê liberação de circulação e trânsito de caminhões de 11 eixos com capacidade total de 91 toneladas nas rodovias brasileiras.

“Foi uma reunião muito produtiva. O item mais importante da unificação da categoria está na pauta de reivindicação. Do Sul ao Nordeste, do Norte ao Sudeste do país, todos estão falando a mesma língua, a mesma pauta. Então, essa unificação é para esse respaldo, de todos concordarem com os mesmos problemas vindo pela pauta dos caminhoneiros. Essa unificação tem que ter e fomos buscar, graças a Deus, deu tudo certo e o pessoal está falando a mesma língua”, afirma.

Plínio Dias diz que o projeto de unificação do ICMS sobre combustíveis não atende à categoria, justificando que os governadores precisam do repasse do imposto para investir em segurança, saúde e educação. O que prejudica os caminhoneiros, garante, é o PPI - Preço de Paridade de Importação.

“Não adianta baixar o ICMS para 8%, 10%. Daqui a dois, três meses, se continuar os aumentos quinzenal, essa equiparação do dólar vai subir tudo de novo. E quem vai pagar o pato? Como é que vai questionar os governadores que baixaram o ICMS e o diesel voltou a subir? Então, a gente entende que tirando o PPI, e o valor do combustível passando para real, com certeza, tudo vai baixar”.

Auxílio emergencial é considerado ‘um tiro no pé’

Criado em 2009 com o objetivo de organizar e defender os interesses dos caminhoneiros autônomos das 39 cidades da região, o Sindicato dos Transportadores Autônomos de Carga do Vale do Paraíba - SINDITAC Vale do Paraíba, através de seus mais de 15 mil associados, está mobilizado para a paralisação do dia 1º de novembro, caso suas reivindicações não sejam atendidas.

De acordo com o presidente Nelson Júnior, a categoria, que foi fundamental na eleição presidencial, está decepcionada há tempos com Bolsonaro. A diferença é que hoje a situação financeira dos caminhoneiros está muito complicada, tornando a paralisação a única alternativa.



Nelson Júnior / Foto: Alexandre Ruas

“Saímos da reunião no Rio de Janeiro já em estado de greve, com a data declarada para o dia 1º de novembro e esse auxílio anunciado foi um tiro no pé. A categoria recebeu repúdio. O que nós precisamos é de dignidade e condições de trabalho, estabilidade de trabalho. Isso aí que ele está oferecendo é uma esmola”, queixa-se.

Nelson Júnior explica a insatisfação da categoria com o auxílio emergencial, anunciado no último dia 21 de outubro, para compensar o custo do óleo diesel, indagando se os R\$ 400 será pago cada vez que o caminhoneiro abastecer o veículo, já que o valor corresponde apenas 78 litros de diesel, que daria para percorrer de 150 a 180 quilômetros. Já com relação a unificação do ICMS, afirma que não atende à categoria, pois a questão é a política de PPI:

“Não adianta baixar o ICMS e continuar com essa política do preço de paridade de importação. Vai continuar subindo, não vai ser o ICMS que vai frear esses aumentos. Vai dar uma diminuída agora, mas ele (o óleo diesel) vai continuar subindo. Nós ganhamos em real e por que vamos pagar em dólar?”, questiona.

O presidente do SINDITAC Vale do Paraíba conta que os encontros da categoria começaram em Santos, quando se plantou “uma sementinha”. A partir de então, novos encontros foram agendados em Santa Catarina, Pernambuco, Brasília (onde foi deliberada a pauta unificada de reivindicações) até chegar ao Rio de Janeiro, assembleia que definiu uma data para a paralisação dos caminhoneiros:

“O encontro do Rio foi maravilhoso. Nós saímos até com uma data de paralisação. A categoria está unida, estamos falando a mesma língua, o mesmo propósito. Temos uma pauta de reivin-

dicações nas mãos que atende a categoria dos caminhoneiros”, afirma.

A instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI para investigar a alta nos preços dos combustíveis e do gás de cozinha no país, inicialmente apresentada pelo deputado Paulo Ramos (PDT/RJ), é bem aceita pela categoria. Segundo Nelson Júnior, apesar de ser uma medida que requer tempo para surtir efeitos, ajudaria, mesmo demorando alguns meses, no entanto, sustenta: “Nós não iremos aguardar. O presidente tem que tomar uma atitude, que não seja essa de auxílio”.

A greve não é contra o Governo, é a favor da categoria

O anúncio do presidente Jair Bolsonaro de que deverá pagar um auxílio no valor de R\$ 400 para compensar o aumento do preço do óleo diesel foi considerado por Carlos Alberto Litt Dahmer, diretor da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes e Logística - CNTTL e presidente do Sindicato dos Transportadores Autônomos de Carga de Ijuí-RS, como forma de diálogo. No entanto, caso não sejam atendidas, pelo menos, três dos 15 itens da pauta de reivindicação, a paralisação do dia 1º de novembro próximo está mantida.

“Estamos em estado de greve e não atender a pauta de reivindicação da categoria significará a greve no dia primeiro. Eu diria que não é um racha com o governo Bolsonaro, mas sim um grande avanço, uma grande indicação de que o movimento está a favor da categoria, não significa estar contra o governo, significa que irá avançar, que irá melhorar o nosso dia a dia. Essa medida não é contra o governo e sim a favor da categoria”, frisa Carlos Alberto Litt Dahmer, esclarecendo que os três pontos da pauta são: revisão da política de preços da Petrobras, aposentadoria especial aos 25 anos de trabalho e piso mínimo de frete.

Segundo ele, na totalidade, o projeto que prevê valor fixo do ICMS sobre combustíveis não resolve definitivamente o problema, reconhecendo que ajuda, por ser um projeto, em prática reduz, em até 8% a questão do combustível, mas por si só não resolve, porque “a questão é a mudança da política de preço exercida pela Petrobras. Isso, sim, traz alteração, porque é inadmissível que a gente continue pagando o preço do combustível pelo PPI - Preço de Paridade de Importação”.

“Nós somos autossuficientes em petróleo, o nosso custo de produção para extrair o petróleo é o valor mais barato do mundo. A Petrobras está equipada e preparada para fazer essa extração com menor custo, e estamos hoje nós com as nossas refinarias com 40% da sua capacidade de refino em operação. Temos três refinarias as quais não estão operando com 100% por determinação, inclusive, da Petrobras. Isso deve ser retomado e a capacidade de estar a 100% do refino. O custo que deve ser aplicado é o PPC - Preço de Paridade de Custo. Aí sim, com certeza, vamos reduzir o valor do combustível, não só do diesel como da gasolina também”, defende.

Ao fazer o balanço do 2º Encontro Nacional de Caminhoneiros Autônomos e Celetistas, que aconteceu no Rio de Janeiro, Litt Dahmer assegura ser de extrema importância para toda categoria:

“É uma oportunidade ímpar das discussões que se faz, da ideia que se tem daquilo que está afetando a categoria e vai evoluindo com quesitos para poder resolver os problemas, é um momento muito bom, muito importante que deve dar continuidade por outros cantos do país”, finaliza.



Plínio Dias e Litt Dahmer / Foto: Divulgação

Categoria quer redução do preço do óleo diesel

“Caminhoneiro não precisa de auxílio, caminhoneiro precisa da redução do diesel!” Assim reagiu Romero Costa, diretor operacional do Sindicam - Sindicato dos Transportadores Rodoviários Autônomos de Bens da Baixada Santista e Vale do Ribeira, sobre a proposta do presidente da República, Jair Bolsonaro, de pagar auxílio de R\$ 400 aos cerca de 750 mil caminhoneiros autônomos para compensar o aumento do preço do óleo diesel.

Com nove anos de estrada, ele afirma que para encher o tanque, é necessário R\$ 3 mil, valor bem superior ao oferecido pelo governo para evitar a greve prevista para o dia 1º de novembro próximo:

“Caminhoneiro está pedindo só o que é de direito, o que ele prometeu. Não queremos dinheiro, queremos a redução do diesel e o piso mínimo do frete. Poxa, esses R\$ 400 vai vir em cima do imposto que o próprio caminhoneiro paga no combustível. Será que ninguém está vendo isso?”, indaga.

Caso nenhuma proposta concreta seja apresentada, a greve já está sendo comparada com a de 2018, quando o país parou. Romero Costa alerta que o movimento está muito forte em Santos, onde fica o Porto de Santos, o mais importante do Brasil e o maior complexo portuário da América Latina. Segundo ele, o governo não possui nenhum canal aberto, conforme garantiu o Marcello Costa, secretário Nacional de Transportes Terrestres do Ministério da Infraestrutura, em entrevista exclusiva para Eu Amo Caminhoneiro:

“Olha, eu não sei o que ele entende de canal aberto, principalmente aqui, no maior porto da América Latina, onde eles teriam que ter uma preocupação, não tem nem um canal aberto”, frisa.

Considerados a base eleitoral de Bolsonaro, os caminhoneiros vêm demonstrando decepção com a atuação de seu

teriam que ter uma preocupação, não tem nem um canal aberto”, frisa.

mandato ao longo desses três anos. Além de a pauta de reivindicação não ter sido atendida, os constantes aumentos do óleo diesel está prejudicando o exercício da profissão, motivo pelo qual a paralisação, definida no encontro da categoria que aconteceu no Rio de Janeiro, é dada como certa:

“Tudo indica que sim (em relação à paralisação), a categoria ficou mais revoltada com esse R\$ 400,00 ficou indignada”, finaliza, ressaltando que a proposta de unificação do ICMS não atende aos caminhoneiros.

Categoria está na UTI

Em assembleia realizada no Rio de Janeiro, no último dia 16 de outubro, durante o 2º Encontro Nacional de Caminhoneiros Autônomos e Celetistas, a categoria decidiu pelo estado de greve, dando um prazo de 15 dias para que o governo de Jair Bolsonaro (sem partido) apresentasse alguma proposta que atenda suas reivindicações. Decepcionados pela falta de diálogo, afirma o caminhoneiro Emídio Guarulhos, mais conhecido como Zé da Bota, a paralisação é dada como certa a partir de 1º de novembro.

Garantindo que a categoria não rachou com o governo, Zé da Bota frisa que os caminhoneiros sempre estiveram ao lado do presidente, lembrando que não pararam nem no auge da pandemia de Covid-19 para não prejudicar a economia do país:

“Há uma decepção muito grande com o governo Bolsonaro, porque é de conhecimento de todos que praticamente 100% da categoria ajudou a elegê-lo, acreditando numa mudança que, infelizmente, não aconteceu. Não há um racha com o governo, muito pelo contrário, a gente quer ajudar e vem ajudando. Na pandemia, não parámos, a categoria trabalhou, ajudou o governo e está disposta a ajudar ainda mais no que for importante para o Brasil”.

No entanto, destaca Zé da Bota, os caminhoneiros estão passando por dificuldades, devido os constantes reajustes dos combustíveis e a tabela mínima do frete, itens da pauta de 2018, quando a categoria parou suas atividades:

“Ganhamos, mas não levamos nada. A gente está vendo essa política de preços da Petrobras, o PPI, um aumento do combustível, o frete baixo. Nós queremos apenas o que é nosso de direito. Estamos à disposição do governo para trabalhar e dar sequência ao crescimento do país, mas, infelizmente, a nossa categoria está na UTI. Temos também nossos compromissos com a família. Então, a gente está nessa luta”.

Para o caminhoneiro, a diferença do movimento de 2018 para o atual é o envolvimento da categoria, a união das lideranças. A reunião que decidiu pelo estado de greve foi organizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes e Logística - CNTTL, pelo Conselho Nacional do Transporte Rodoviário de Cargas - CNTRC e pela Associação Brasileira de Condutores de Veículos Automotores - Abrava:

“O diferencial é a união que vem sendo pregada, porque chegou a um ponto em que a galera não está conseguindo respirar, está sendo sufocada a cada dia com esses aumentos. No passado houve um racha muito grande. Em 2018, fatiaram a

categoria, no meu entendimento, separando o pessoal em baú, câmara fria, perigosas, grade baixa, container, e a galera confiando, acreditando na promessa do governo, acabou sendo envolvida nesse fatiamento e foi onde enfraqueceu ainda mais. Mas, agora, a gente está com a união boa e o pessoal está bem envolvido”, avalia.

Juntos somos mais fortes

Uma das principais lideranças do movimento grevista dos caminhoneiros de 2018, o presidente da Associação Brasileira de Condutores de Veículos Automotores - Abrava, Wallace Landim, conhecido como Chorão, afirma que a luta da categoria não tem ideologia. Durante o 2º Encontro Nacional dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas, realizado no Rio de Janeiro, quando foi decretado o estado de greve por 15 dias, frisou que o trabalho que vem sendo realizado pelo coletivo é “em prol da defesa de nossa categoria, sem levantar a bandeira política”.

Segundo Chorão, a unificação da luta da categoria é um trabalho que vem sendo realizado há vários anos e que se tornou de extrema importância “nesse momento muito difícil”. Ele lembra das reuniões no Porto de Santos, em Brasília, quando foi elaborada a pauta de reivindicação e a proposta de uma assembleia no Rio de Janeiro e outra prevista para o Rio Grande do Sul. O presidente da Abrava considera que essas são oportunidades de trocarmos informações e passar o que realmente está acontecendo dentro do cenário, principalmente político, onde, atualmente, estão efetivamente presentes.

“Hoje eu sou um dos coordenadores da Frente Parlamentar Mista dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas da Câmara dos Deputados, junto com o deputado Nereu Crispim, onde nós temos 272 deputados e senadores dentro dessa frente. Então, tem uma cadeira no Ministério da Infraestrutura. Hoje a gente vem buscando essa unificação, porque hoje a gente está vendendo o almoço para comer na janta. Então, esse trabalho que vem acontecendo, principalmente aqui no Rio de Janeiro, é um ponto estratégico também para que a categoria possa atingir os seus objetivos”, analisa.

Wallace Landim está confiante que, dessa vez, as conquistas serão concretas, pois na paralisação de 2018, ganharam, mas não levaram: “Todos estão passando por dificuldade, que também afeta nossa família. Nós estamos falando de 10% do gás de cozinha, 10% do valor do salário mínimo, não é brincadeira”, finaliza.

O problema dos constantes reajustes está no PPI

O descontentamento com o governo Bolsonaro levou os representantes de sindicatos, cooperativas e federações dos caminhoneiros de todo o país a decretar estado de greve durante o 2º Encontro Nacional de Caminhoneiros Autônomos e Celetistas, que aconteceu no último dia 16 de outubro, no Rio de Janeiro. O objetivo inicial da assembleia era o aprofundamento das discussões ocorridas em Brasília, quando foi definida uma agenda única para a categoria.

De acordo com Isac de Oliveira, presidente da Associação Fluminense dos Transportadores de Carga - AFTRANSCAR, caso não recebam uma resposta concreta, iniciam uma greve a partir do dia 1º de novembro.

“Considerarei a reunião proveitosa. Uma boa parcela da categoria estava esfacelada e nas dificuldades nós conseguimos até convergir com pessoas com pensamentos ideológicos diferentes. Saímos com uma data para poder trabalhar”, afirma, ressaltando que grande parte da categoria votou e fez campanha para o presidente”. Cinco dias após a decretação de estado de greve, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) apresentou como proposta a inclusão da categoria no programa de auxílio emergencial para compensar o custo do óleo diesel. Sem detalhar a iniciativa, garantiu que cerca de 750 mil caminhoneiros passariam a receber R\$ 400, e salientou: “São momentos difíceis, mas nós não deixaremos ninguém para trás”.

“Como um amigo me disse: ‘quem deu auxílio para o governo fomos nós, na pandemia nós não paramos’ aposentadoria especial aos 25 anos de trabalho e piso mínimo de frete.

Segundo ele, na totalidade, o projeto que prevê valor fixo do ICMS sobre combustíveis não resolve definitivamente o problema, reconhecendo que ajuda, por ser um projeto, em prática reduz, em até 8% a questão do combustível, mas

por si só não resolve, porque “a questão é a mudança da política de preço exercida pela Petrobras. Isso, sim, traz alteração, porque é inadmissível que a gente continue pagando o preço do combustível pelo PPI - Preço de Paridade de Importação”.

“Nós somos autossuficientes em petróleo, o nosso custo de produção para extrair o petróleo é o valor mais barato do mundo. A Petrobras está equipada e preparada para fazer essa extração com menor custo, e estamos hoje nós com as nossas refinarias com 40% da sua capacidade de refino em operação. Temos três refinarias as quais não estão operando com 100% por determinação, inclusive, da Petrobras. Isso deve ser retomado e a capacidade de estar a 100% do refino. O custo que deve ser aplicado é o PPC - Preço de Paridade de Custo. Aí sim, com certeza, vamos reduzir o valor do combustível, não só do diesel como da gasolina também”, defende.

Ao fazer o balanço do 2º Encontro Nacional de Caminhoneiros Autônomos e Celetistas, que aconteceu no Rio de Janeiro, Litti Dahmer assegura ser de extrema importância para toda categoria:

“É uma oportunidade ímpar das discussões que se faz, da ideia que se tem daquilo que está afetando a categoria e vai evoluindo com quesitos para poder resolver os problemas, é um momento muito bom, muito importante que deve dar continuidade por outros cantos do país”, finaliza.



Emídio Guarulhos e Isac de Oliveira / Foto: Divulgação

EMPRESÁRIO DO SETOR DE TRCL ACEITA MAIS UM DESAFIO

Fundador das marcas Eu Amo Caminhão/Caminhoneiro, Roberto Nate tem mais de 13 anos de atuação no setor patronal. Foi secretário-geral do SINDICARGA, de onde se desligou para abrir a Studio 3R, uma empresa voltada para o desenvolvimento de projetos especiais e aceitou mais um desafio: é o novo diretor de Relações Institucionais e Superintendente da Associação Fluminense dos Transportadores de Cargas – AFTRANSCAR, que representará o lado empresarial do TRCL-RJ, num dos momentos de maior crise, provocado, em especial pela possibilidade de greve dos caminhoneiros, que não aguentam mais, dentre outras, as constantes alta do diesel e a indefinição da tabela do preço do frete mínimo.



Roberto Nate / Foto: Divulgação



AFTRANSCAR

“Diante da demanda existente e da falta de representação do setor, principalmente para os pequenos e médios empresários do estado do Rio de Janeiro, aceitei o convite, pois o meu foco sempre foi a causa dos caminhoneiros, sempre me dedicando para encontrar soluções que resolvam as questões que afligem os empresários de transporte”.

O transporte de carga se configura como um serviço fundamental que contribui para todos os demais setores da economia. Sem transporte, os produtos não chegariam às mãos dos consumidores, das indústrias.

“Sabemos das dificuldades das empresas, e reconhecemos que a maior parte do lucro vai para o governo, a tributação é muito alta, o óleo diesel um absurdo. Queremos mudar essa realidade com a AFTRANSCAR”, garante.

Para um mandato de três anos, Roberto Nate vai se somar a uma equipe que conta com lideranças do setor, como Isac de Oliveira (presidente), Fábio da Silva Pinto (secretário), Nelson de Carvalho Junior (diretor) e Antônio Vitaliano de Oliveira (tesoureiro).

“Me sinto honrado em fazer parte de uma entidade que luta pela causa do transportador e que é formada por pessoas tão influentes à frente dos caminhoneiros autônomos e celetistas”, conclui.

AFTRANSCAR

DESDE 2011 CUIDANDO DO TRANSPORTADOR

 /AFTRANSCAROFICIAL

 @AFTRANSCAROFICIAL

 (21) 98016-1029



Nosso foco é gerar resultados.


www.autotrak.com.br



RIOTRAC
AUTORIZADA AUTOTRAC

Contato: (21) 26768527
(21) 20807970 | (21) 9 6473-5380

A AUTOTRAC tem o produto certo para cada tipo de necessidade do cliente. **Veja o depoimento da Giovanna Transportes.**



CAMINHONEIROS PARTICIPAM DA COMEMORAÇÃO DE 10 ANOS DE TRAJETÓRIA DA MARCA EU AMO CAMINHÃO



(21) 3495-2726



www.fecamrj.com.br



R. da Soja, 84 - Penha Circular / RJ

Uma grande comemoração marcou os 10 anos da marca Eu Amo Caminhão que aconteceu no último dia 16 de outubro, durante o 2º Encontro Nacional de Caminhoneiros Autônomos e Celetistas. O evento contou com a presença de autoridades, representantes de sindicatos, cooperativas e federações dos caminhoneiros de todo o país, que por unanimidade destacou a importância da revista como meio de comunicação destinada ao segmento de transporte rodoviário de cargas. Responsável por viabilizar o evento no Rio de Janeiro, a Eu Amo Caminhão tem sua trajetória pautada em projetos de sucesso. De acordo com o idealizador da marca, o empresário Roberto Nate, o projeto tem o objetivo principal de “levar coisas importantes para a operação de transporte, além de alegria, porque sem alegria, sem amizade, sem amor, principalmente honestidade, a gente não vai a lugar nenhum”. E continua:

“Gostaríamos, primeiramente, de agradecer a ABRAVA, AFTRANSCAR, CNTTL e a CNTRC pela construção e parceria na realização do evento. Nossa marca está orgulhosa do resultado positivo e do sucesso da parceria firmada com vocês. Estamos abertos a ouvi-los, criar oportunidades cada vez maiores na mídia para expressar suas demandas e caminhar ao lado da luta de vocês. Nosso sucesso se dá ao tão importante peso que a categoria tem na sociedade e somos um veículo disposto a disseminar a união e potencializar suas vozes”.

Na ocasião, Nate - que possui mais de uma década de expertise no mercado de transporte - aproveitou e anunciou o retorno dos grandes eventos organizados pela marca:

“Quero aproveitar e anunciar que ano que vem vamos fazer o oitavo encontro do setor em Búzios, uma cidade paradisíaca, com outra temática, mas sempre com perseverança, honestidade e, principalmente, gratidão”.

O subsecretário Ricardo Urbano, da Secretaria de Estado de Trabalho e Renda do Rio de Janeiro – Setrab, destacou a importância da revista Eu Amo Caminhão como meio de divulgação das demandas da categoria. Ressaltou que o órgão também está atento às necessidades da categoria, citando os serviços oferecidos pelo Sistema Nacional de Emprego – SINE:

“Desejo parabenizar o trabalho feito pela revista Eu Amo Caminhão, que é sensacional, ajudando tanto essa classe que precisa. O governador Cláudio Castro, através da Secretaria de Estado de Trabalho e Renda, tem uma política de levar mais serviços aos caminhoneiros, que não tem muito tempo para requisitá-los. Então, em vez de procurar um posto do SINE para tirar uma carteira de trabalho, dar entrada no seguro desemprego, a Secretaria leva até ele esse posto virtual, por meio das redes sociais, oferecendo, ainda, vagas de emprego para o caminhoneiro”.

Também estiveram presentes ao evento os deputados federais Nereu Crispim (PSL-RS) e Paulo Ramos (PDT-RJ), integrantes da Frente Parlamentar Mista do Caminhoneiro Autônomo e Celetista da Câmara dos Deputados, que visa a defesa dos interesses da categoria no Parlamento brasileiro por sua importância para o desenvolvimento econômico brasileiro. Ambos evidenciaram a proeminência do veículo com instrumento de ressonância para a pauta dos caminhoneiros.



2º Encontro Nacional / Foto: Alexandre Ruas

SEM CAMINHONEIRO, O BRASIL PARA! Por Luiz Paulo Campos - Advogado

Conhecido bordão que intitula essa coluna carrega questões que vão muito além das palavras de ordem entoadas pelos caminhoneiros em suas manifestações. Incluímos um ponto de interrogação ao final da frase para lançar a provocação: Sem caminhão o Brasil para?

Para chegar a uma conclusão é preciso viajar no tempo e entender um pouco da história.

O rodoviarismo no Brasil ganha relevância no governo do Presidente Washington Luís (1926-1930) que, simbolizado pelo lema “governar é abrir estradas” protagoniza uma das primeiras iniciativas de incentivo ao transporte rodoviário com a criação do Fundo Especial para Construção e Conservação de Estradas de Rodagem Federais com o óbvio objetivo de realizar obras nas estradas.

No governo de seu sucessor, Getúlio Vargas (1930-1945), o modal rodoviário recebe ainda mais incentivos com o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem - DNER, criado em 1937 e a efetiva ampliação da malha.

O Brasil literalmente “saiu do trilho” na década de 1940. Na contramão do mundo, o sistema ferroviário brasileiro inicia um período de decadência e o Plano de Metas instituído pelo governo de Juscelino Kubistchek (1956-1961) joga pá de cal nos sonhos do Barão de Mauá.

Isso porque na medida em que o processo de industrialização do país avançava o setor rodoviário, embalado pela criação da indústria automobilística, assumia protagonismo como modal responsável pelo escoamento da produção. A aposta desenvolvimentista nacional desencadeou o processo de implantação de uma infraestrutura rodoviária amparada no ousado Plano Quinquenal de Obras Rodoviárias - PQOR, que pretendia criar 10.000km de rodovias, 2.100km de obras de melhoramento e mais de 5.000km de pavimentação.

No período compreendido entre 1967 e 1974, sustentam renomados historiadores, foi o de maior crescimento e investimento em rodovias com o objetivo de vincular o setor de transportes à política econômica e atender, assim, ao crescimento da indústria pesada em franca expansão no país.

Sob a direção geral de Elizeu Rezende, o DNER foi diretamente beneficiado com o aumento da participação no Fundo Rodoviário Nacional e a criação da Taxa Rodoviária Única, arrecadando 60% de seus recursos para realização de obras de infraestrutura rodoviária.

Merece destaque nesse período o surgimento do Grupo Executivo para Substituição de Ferrovias e Ramais Antieconômicos - GESFRA por meio da Portaria nº 1.288 de 06 de setembro de 1968, órgão ligado ao recém-criado Ministério dos Transportes que elimina 4.881km de estradas de ferro.

De lá para cá pouco, ou quase nada, mudou e o modal rodoviário se tornou, definitivamente, protagonista no cenário econômico brasileiro. O resultado desse processo histórico é um país com a maior concentração de transporte de cargas sobre rodas entre as principais economias do mundo. Estima-se que 65% da produção nacional seja escoada em rodovias, contra 15% em ferrovias de acordo com o Plano Nacional de Logística do Ministério da Infraestrutura.

A frota de caminhões, segundo dados da Agência Nacional de Transporte Terrestres - ANTT do dia 18 de outubro, concentra aproximadamente 2,4 milhões de veículos de carga, dos quais mais de 900 mil são de propriedade de transportadores autônomos de acordo com a mesma fonte.

A análise do contexto desenhado nessas linhas, revela que as políticas desenvolvimentistas até aqui adotadas levaram a absoluta dependência da economia ao setor do transporte rodoviário de cargas. Ocorre que, se de um lado o setor se tomou tão relevante, por outro, vem passando por enormes dificuldades.

Sucessivos desrespeitos aos direitos básicos dos caminhoneiros, dentre os quais se destaca o valor mínimo do frete, e os constantes aumentos de preço do óleo diesel inviabilizam a atividade, causando vertiginosa perda de renda aos profissionais do setor. A insatisfação é generalizada.

Diante desse cenário não há dificuldade para responder, e sem medo de errar, a pergunta apresentada no início desse artigo. Também fica fácil, em exercício de futurologia, prever: O Brasil vai parar!

GAROTA EU AMO CAMINHONEIRO ENTRA EM SUA FASE SEMIFINAL

O Garota Eu Amo Caminhoneiro, um concurso para levar descontração, beleza e empoderamento feminino a um setor predominantemente masculino, chegou em sua fase semifinal. Nesta edição, apresentamos três participantes para vocês escolherem quem será classificada para a final da competição. A vencedora ganhará um book elaborado a partir das melhores fotos. Também será agraciada com outros prêmios a serem divulgados futuramente, já incluso o ensaio fotográfico e o cachê por todas as fotos. Preparem-se:

ELAINE CRISTINA: SEU MAIOR SONHO SEMPRE FOI SER MODELO FOTOGRÁFICO

“Sou uma pessoa muito intensa e determinada; quando quero alguma coisa, vou à luta”. Assim se define a carioca Elaine Cristina Leal Oliveira. Além de beleza, um corpo estrutural, distribuídos em 1,70 m de altura, tem simpatia e carisma de sobra, levando a conquistar, diariamente, novos admiradores. Designe de unhas, modelo fotográfico, conta que sua fonte de inspiração é Maria Cereja, nome da marca de moda das irmãs Alice e Aline, pelo perfil de garra, guerreira e corpo magnífico. Ser modelo fotográfico, revela, sempre foi o seu maior sonho.



INGRID ZIDIRICH: "QUEM SE DEFINE SE LIMITA"

Modelo e atriz de vídeo clip, Ingrid Zidirich é carioca da gema e apaixonada pelo Mengão! Ao ser indagada como se define, garante: “Para mim, quem se define se limita”. A beldade, de 68 quilos, muito bem distribuídos em 1,66 m de altura, afirma ser sua fonte de inspiração na carreira de modelo fotográfica: “Eu me amo e luto por mim, para ser cada dia melhor e conquistar meus objetivos. Para ela, ser Garota Eu Amo Caminhoneiro significa uma ótima oportunidade para a sua carreira de modelo, ressaltando que antes desse ensaio fotográfico, já tinha sido capa de jornal.



JULIANA ZANELATO: AMANTE DA NATUREZA

Influencer Digital, beleza e simpatia essa carioca tem de sobra, Juliana Zanelato se define como uma empreendedora, com foco nas conquistas. Sonhadora, mas determinada, vai em busca dos objetivos. Amante da natureza, gosta de conhecer novos lugares e novas culturas e, principalmente, prezar pela saúde e bem-estar. Ser Garota Eu Amo Caminhoneiro é “representar, estar presente e inserida no ramo de atividade que é peça fundamental na engrenagem deste país continental”. Sua fonte de inspiração, Juju Salimeni.



Quer escolher a sua Garota Eu Amo Caminhoneiro preferida? Basta acessar o QR code e votar. O resultado sairá em nossa próxima edição da Revista. Fique atento!



VOTE AQUI





BOLSA DE GÊNEROS ALIMENTÍCIOS DO RIO DE JANEIRO COMEMORA 7 DÉCADAS DE EXISTÊNCIA

A BGARJ realizou, no dia 19 de outubro, o Aniversário de 70 Anos de Fundação da Instituição. Esse ano, a comemoração teve um peso muito especial por, além de completar mais uma década de existência, ser o primeiro evento realizado pela Bolsa após o início da Pandemia. ser o primeiro evento realizado pela Bolsa após o início da Pandemia.

A abertura da comemoração foi feita pelo presidente da BGARJ, Humberto Margon, no Auditório do 6º andar. Ele falou da importância da instituição completar 70 anos.

"A BGARJ completou, no dia 15 de outubro, mais uma década de existência. Em 2020, teve o início da Pandemia, mas a Bolsa conseguiu se manter forte e em crescimento. E hoje, em 2021, completa 70 anos! Isso tudo graças a um grande trabalho feito e principalmente aos nossos associados que continuaram conosco nessa caminhada. A Bolsa existe por causa de vocês. Essa comemoração de hoje é para cada um associado que faz parte da instituição e também para aqueles que não estão mais aqui presentes, mas que fizeram história. A diretoria está encerrando um ciclo e ano que vem teremos uma nova diretoria que manterá o tão importante trabalho que essa instituição realiza. Espero estar presente no aniversário de mais uma década aqui junto com vocês. Nosso muito obrigado por acreditarem na Bolsa, que vai continuar a existir por muitos e muitos



Após a abertura, o Padre Joelson, da paróquia Nossa Senhora Aparecida, deu início ao ato ecumênico, que teve a participação do veterano associado Cilas Silva.

A diretoria executiva recebeu os cerca de 200 convidados num coquetel realizado no Salão Negro da Bolsa para os associados, empresários e profissionais do setor alimentício que participaram da comemoração.

Nós da Equipe Eu Amo Caminhoneiro, estivemos no evento e gostaríamos de salientar a importância da instituição para o Rio de Janeiro, parabenizá-la por suas 7 décadas de existência e mais uma vez deixar as portas dos nossos canais de comunicação abertos para a instituição.

Fotos: Robson Barreto, Cláudio Safadi e BGARJ.



ENTREVISTA EXCLUSIVA COM MARCELLO COSTA, SECRETÁRIO NACIONAL DE TRANSPORTES TERRESTRES DO MINISTÉRIO DA INFRAESTRUTURA

Mesmo reconhecendo a legitimidade da pauta dos caminhoneiros, o Secretário Nacional de Transportes Terrestres do Ministério da Infraestrutura, Marcello Costa, não acredita que ocorra greve da categoria. Em entrevista exclusiva, afirma que "todos os canais do governo estão abertos ininterruptamente para o diálogo". Ressalta, ainda, que integrantes do governo, incluindo o ministro Tarcísio Freitas, participam junto com líderes dos caminhoneiros de grupos de WhatsApp, em que as principais e mais urgentes demandas são apresentadas pela classe e monitoradas pelo governo para que as possíveis soluções sejam adotadas.

O senhor poderia comentar o que representa a greve dos caminhoneiros para a economia já tão afetada?

Inicialmente, eu gostaria de dizer que eu não acredito que ocorra greve de caminhoneiros, no curto prazo, porque todos os canais sempre estiveram e seguem abertos para o diálogo do governo com a categoria. O que eu percebo é que se trata de uma classe com demandas legítimas que estão sendo trabalhadas pelo Governo Federal. As lideranças representativas sabem dos esforços do governo e entendem que uma paralisação agora prejudicaria todo o País e não resolveria suas demandas.

A paralisação pode gerar desabastecimento de produtos e conseqüentemente a alta da inflação?

De fato, uma eventual paralisação prejudica toda a sociedade brasileira. O Governo Federal não tem medido esforços para que o País volte a crescer, depois de passar por dificuldades devido à pandemia. Uma paralisação que gerasse desabastecimento só tenderia a agravar a situação, afetando a economia negativamente. O aumento da inflação, como se sabe, costuma prejudicar a parcela mais pobre da população. Tenho certeza de que os caminhoneiros, uma categoria tão importante para a economia do Brasil, entendem que uma paralisação só serviria para agravar a situação de todos.



Marcello Costa / Foto: Ricardo Botelho

O Governo pretende conversar com as lideranças do movimento? Há agenda prevista para essa conversa?

Como eu disse anteriormente, todos os canais do governo estão abertos ininterruptamente para o diálogo. Trimestralmente, tratamos nos fóruns de Transporte Rodoviário de Cargas diversas pautas de interesse dos caminhoneiros, como a questão dos pontos de parada para descanso nas rodovias federais, o Documento Eletrônico de Transporte - DT-e ou a questão da contratação direta do caminhoneiro pelo embarcador. Adotamos o gatilho da tabela de frete, no qual toda vez que o aumento do preço do combustível atinge 10%, a Agência Nacional de Transportes Terrestres - ANTT reajusta os coeficientes dos pisos mínimos da tabela de frete.

Além disso, integrantes do governo, incluindo o ministro (da Infraestrutura) Tarcísio Freitas, participam junto com líderes dos caminhoneiros de grupos de WhatsApp, em que as principais e mais urgentes demandas são apresentadas pela classe e monitoradas pelo governo para que as possíveis soluções sejam adotadas.



 /CNTRC.Brasil

 @CNTRC.Brasil

 CNTRC_Brasil

DEPUTADOS FALAM SOBRE SITUAÇÃO DOS CAMINHONEIROS

Entrevista com Dep. Federal Paulo Ramos (PDT/RJ)

Integrante da Frente Parlamentar Mista dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas, o deputado federal Paulo Ramos (PDT/RJ), participou do 2º Encontro Nacional de Caminhoneiros Autônomos e Celetistas no Rio de Janeiro. Crispim é presidente da Frente Parlamentar Mista dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas da Câmara dos Deputados e o proponente do PL750/21, que visa solucionar e estabilizar os preços dos combustíveis, a partir da criação de um Fundo de Estabilização dos Preços de Derivados do Petróleo - FEPD. Em entrevista exclusiva para Eu Amo Caminhão, criticou a forma com que o governo Federal vem tratando as demandas da categoria.

Qual a sua avaliação sobre o 2º Encontro Nacional dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas no Rio de Janeiro, que terminou com a categoria anunciando uma paralisação para o dia 1º de novembro, caso o governo não atenda suas reivindicações?

O encontro foi muito produtivo, muito organizado, deixaram de lado suas posições ideológicas e políticas. Realmente falaram da pauta da categoria, da falta de resultados financeiros do transporte do autônomo.

Autônomos e Celetistas no Rio de Janeiro. Crispim é presidente da Frente Parlamentar Mista dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas da Câmara dos Deputados e o proponente do PL750/21, que visa solucionar e estabilizar os preços dos combustíveis, a partir da criação de um Fundo de Estabilização dos Preços de Derivados do Petróleo - FEPD. Em entrevista exclusiva para Eu Amo Caminhão, criticou a forma com que o governo Federal vem tratando as demandas da categoria.

Qual a sua avaliação sobre o 2º Encontro Nacional dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas no Rio de Janeiro, que terminou com a categoria anunciando uma paralisação para o dia 1º de novembro, caso o governo não atenda suas reivindicações?

O encontro foi muito produtivo, muito organizado, deixaram de lado suas posições ideológicas e políticas. Realmente falaram da pauta da categoria, da falta de resultados financeiros do transporte do autônomo.

ENTREVISTA COM O DEPUTADO FEDERAL NEREU CRISPIM (PSL-RS)

deputado federal Nereu Crispim (PSL-RS) não esconde sua preocupação com relação a uma possível paralisação dos caminhoneiros, prevista para o dia 1º de novembro. Segundo ele, a categoria considerou uma piada a proposta feita pelo governo de incluir os autônomos no programa de auxílio emergencial para compensar os reajustes do óleo diesel. Defensor ferrenho da luta dos caminhoneiros, o parlamentar esteve no 2º Encontro Nacional dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas no Rio de Janeiro. Crispim é presidente da Frente Parlamentar Mista dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas da Câmara dos Deputados e o proponente do PL750/21, que visa solucionar e estabilizar os preços dos combustíveis, a partir da criação de um Fundo de Estabilização dos Preços de Derivados do Petróleo - FEPD. Em entrevista exclusiva para Eu Amo Caminhão, criticou a forma com que o governo Federal vem tratando as demandas da categoria.



Marcelo Costa / Foto : Ricardo Botelho

Qual a sua avaliação sobre o 2º Encontro Nacional dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas no Rio de Janeiro, que terminou com a categoria anunciando uma paralisação para o dia 1º de novembro, caso o governo não atenda suas reivindicações?

O encontro foi muito produtivo, muito organizado, deixaram de lado suas posições ideológicas e políticas. Realmente falaram da pauta da categoria, da falta de resultados financeiros do transporte do autônomo.

O presidente Bolsonaro acenou para a categoria o auxílio emergencial no valor de R\$ 400 para compensar o aumento do preço do óleo diesel, medida que beneficia cerca de 750 mil autônomos. Como a categoria reagiu a esta proposta?

Indiferente de aceitar ou não, o que apareceu nos comentários de grupos de WhatsApp foi como uma piada. Um auxílio de R\$ 400 não resolve o problema do caminhoneiro. O que o caminhoneiro quer é condições de trabalho, através da mudança de política de preços da Petrobrás e da efetivação do piso mínimo de frete. Ele quer administrar o negócio dele. Não é assistencialismo político que se quer, isso não resolve nada. Alguns até se sentiram ofendidos.

A aprovação do projeto para determinar um valor fixo do ICMS sobre os combustíveis a ser arbitrado pelos governadores atenderia a categoria?

Isso pode ser até mais um dos itens a ser tratado em relação ao aumento desenfreado do combustível. As alíquotas do ICMS aumentam à medida que aumenta o dólar, o preço do barril de petróleo. Isso aí é transferir responsabilidade para os governadores, simplesmente criando um fato político por

causa das eleições de 2022. Eu acho que seria válido se fosse discutido em conjunto o ICMS, o PPI e a criação do fundo soberano de estabilização do preço do petróleo bruto, mas discutir o ICMS do estado é mais um plano de fuga.

Após anunciar o auxílio emergencial para os caminhoneiros autônomos, o presidente Bolsonaro afirmou que o governo não interferirá nos preços dos combustíveis e indicou novo aumento. Tais declarações podem ser consideradas provocações para a categoria que deu um prazo de 15 dias para que o governo atendesse sua pauta de reivindicações?

Acabou de aumentar em 9,15% o preço do óleo diesel e em 7,04% a gasolina. Agora como eu digo, quando alguém me pergunta se sou a favor da paralisação, claro que não sou a favor de uma paralisação, mas de uma negociação até o dia primeiro (de novembro) para que tudo se resolva. Sabemos dos problemas que advêm de uma paralisação, mas não podemos nos furtar. Os caminhoneiros estão vivendo uma miséria por essas estradas brasileiras e pela Constituição eles têm esse direito de reivindicar, de fazer as ações necessárias que acharem melhor para que as pautas sejam efetivadas.

A Frente Parlamentar Mista dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas, da qual o senhor é presidente, conseguiu agendar reunião entre representantes da categoria e do governo para tratar da pauta de reivindicação?

Foi marcada uma reunião para o dia 28 de outubro, mas cancelada pelo governo, porque eles alegaram que nós divulgamos para a imprensa a participação de dois ministros. Na verdade, ninguém fez isso. Alguns caminhoneiros souberam da participação do Ministério da Infraestrutura e acharam que o ministro Tarcísio de Freitas estaria presente.

Foi marcada uma reunião para o dia 28 de outubro, mas cancelada pelo governo, porque eles alegaram que nós divulgamos para a imprensa a participação de dois ministros. Na verdade, ninguém fez isso. Alguns caminhoneiros souberam da participação do Ministério da Infraestrutura e acharam que o ministro Tarcísio de Freitas estaria presente.

O senhor é autor do Projeto de Lei nº 750/21, que cria o Fundo de Estabilização dos Preços dos Derivados do Petróleo - FEPE, tendo como fonte a arrecadação do imposto de exportação de petróleo bruto, visando reduzir a volatilidade dos preços dos derivados do petróleo no mercado interno, com garantias de subvenções econômicas às refinarias e aos importadores. O que o senhor pode nos adiantar sobre esta proposta?

O PL 750/21 foi construído a partir de reuniões com engenheiros e economistas da Petrobrás que conhecem profundamente o sistema. Hoje esse fundo soberano de estabilização é praticado em vários países do mundo. Inclusive o próprio presidente Bolsonaro já falou em sua live sobre a criação desse fundo, assim como também o deputado Arthur Lira (presidente da Câmara dos Deputados). Então, haveria uma certa estabilização com a retirada do PPI, porque, na realidade, essa paridade é nefasta para a economia brasileira, aumentando a inflação, criando pobreza, desigualdade e fome. Não tem outra maneira, tem que se criar esse fundo para taxaço das empresas do petróleo bruto, porque hoje o Brasil é o paraíso fiscal das petrolíferas que levam nosso petróleo bruto, a preço muito baixo e sem pagar quase nada de imposto.





ANUNCIE AQUI

STUDIO 3R


PRODUZINDO SONHOS

SIGA NOSSAS REDES

 (21) 2221-1364

 s3rproducoes@gmail.com

 @3r.studio / @euamocaminhão

 @3r.studio / @euamocaminhão

ACESSE

WWW.STUDIO3R.COM.BR



Deputado Federal Nereu Crispim / Foto: Divulgação

SEM CAMINHONEIRO O BRASIL PARA!




AFTRANSCAR



Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Transportes
e Logística



ANUNCIE CONSOCO

 Rua dos Inválidos, 37
Centro - Rio de Janeiro

 (21) 2221- 1364

 euamocaminhoneiro@gmail.com

 www.euamocaminhoneiro.com.br

SIGA NOSSAS
REDES SOCIAIS

 @euamocaminhoneiro

 /euamocaminhoneiro